

O PROJETO COLETIVO DO NEI ORISAVALDINA SILVA COMO FOCO NO ESTÁGIO CURRICULAR DA PEDAGOGIA/UFSC

Mariana Acórdi Goulart¹
Maristela Della Flora²

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho buscaremos expor nossas observações, reflexões, questionamentos e angústias, aprendizagens, encontros, alegrias referentes ao nosso estágio supervisionado em Educação Infantil, iniciado no semestre 2012.2. É o estágio, a prática que neste momento nos coloca em contato com a instituição de educação infantil e com as crianças, ampliando e constituindo nosso processo de formação.

Passadas seis fases de muita teoria, leituras densas, aulas longas e autores importantes, chegamos a 7ª fase, etapa primordial para a nossa formação como educadoras, etapa de estágio curricular obrigatório, de mais autores importantes e de entrega ao aprendizado da docência.

Mas, o que é mesmo o estágio? Segundo Eloisa Rocha e Luciana Ostetto: o estágio “Não é só tempo de docência, da atuação junto as crianças, com os conteúdos e atividades correspondentes, em horas marcadas: é o envolvimento com toda a instituição! Não é cada um na sua sala, com seus alunos, mas todos com todas as crianças, com o coletivo da creche, nos diferentes espaços” (ROCHA; OSTETTO, 2008, p.108)

E agora o que faremos? Qual será nosso campo de estágio? Com qual professora? Como vou invadir um espaço que não é meu? E a professora de sala qual é a concepção dela sobre as estagiárias? E na instituição, como seremos recebidas? E ainda quem são as crianças que estão nesta determinada creche?

Ansiedades, medos e inquietações acerca da prática pulsam neste momento. Como será essa nova etapa, será que as teorias se confirmarão na prática, como lidar com crianças da educação infantil, o que propor para e com elas, como chegar ao campo de estágio, como portar-se entre outras, são algumas das questões que rondam o início dessa trajetória.

2. A CHEGADA AO NEI. LAGOA

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina.

² Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora do Núcleo Vida e Cuidado- NUVIC da mesma universidade.

Após aulas e orientações para a prática, chegou o esperado dia da primeira ida ao campo, o NEI Orisvaldina Silva na Lagoa da Conceição. Ansiedade a mil nos reunimos e fomos quase todas no mesmo ônibus até o destino.

É importante situar de acordo com o PPP (PPP, 2011), que O Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva está localizado no município de Florianópolis, no bairro Lagoa da Conceição, na Servidão Vieira, 75, próximo ao Posto de Saúde. É uma unidade de ensino mantida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Foi criado em 1979 e funcionava nas dependências da Escola Básica Henrique Veras. Recebeu este nome em homenagem à dona Orisvaldina Silva, primeira professora da Escola Básica.

Em 1992, a partir da mobilização da Associação de Pais e Professores, juntamente com os funcionários, foi construído o prédio novo, com quatro salas destinadas ao atendimento de grupos de crianças. Em 1992 o NEI Orisvaldina Silva contou com a efetiva participação dos segmentos que o compõem quando da escolha do logotipo da escola, onde alunos, professores e funcionários se envolveram no processo, de modo que todos estivessem representados na decisão da logomarca, que ficou “Aprender Brincando”.

Em 2000, recebe reformado o prédio do antigo casarão onde funcionava o Posto de Saúde da Lagoa, este espaço é organizado para o atendimento a dois grupos de crianças.

Em 2006, a Intendência da Lagoa passa a funcionar em outro local e sede a casinha com depósito para a unidade, que passa a realizar ali as oficinas com famílias.

Em 2010 foi feita reforma e melhorias em todo o prédio, com ampliação da cozinha.

A área externa conta com um espaço de areia, que as crianças chamam de campinho, ou praia e lá são organizadas brincadeiras com bolas três parques, um viveiro, pequena horta e vários canteiros.

A equipe pedagógica de trabalho constitui-se de: 1 diretora, 1 supervisora escolar, 1 auxiliar de ensino, 6 professoras regentes de sala, 6 professoras auxiliares, 2 professores de educação física, 1 professora readaptada, 1 merendeira readaptada, tem também a equipe de apoio terceirizada que conta com 2 cozinheiras e 3 auxiliares de serviços gerais. Sendo uma instituição pública está aberto para atender estagiários do ensino médio e superior das áreas da educação, saúde e outras afins.

Atualmente, o NEI Orisvaldina Silva atende 108 crianças nos períodos matutino e vespertino.

O NEI recebe crianças da Lagoa da Conceição e também de outros bairros circunvizinhos Canto da Lagoa, Canto dos Araçás, Retiro da Lagoa, Rio Vermelho, Barra da Lagoa, Rio Tavares, Itacorubi. O deslocamento de crianças de outras localidades deve-se ao fato de seus pais trabalharem próximo ao local da unidade.

Atentos ao crescimento do bairro onde a unidade está situada e preocupados com os impactos sociais, culturais e ecológicos decorrentes deste crescimento, o grupo de trabalho do NEI, participa dos movimentos e manifestações da comunidade e possui uma cadeira no Conselho Local de Saúde da Lagoa da Conceição. (PPP, 2011, p. 01).

O caminho até a Lagoa nos alegra com sua beleza incomparável, a vista do morro, as dunas, e o clima diferente e aconchegante, mesmo numa tarde fria e de vento em plena primavera.

Ao chegarmos à instituição de educação infantil, no parque da frente já encontramos com uma turma de crianças que brincavam umas embaixo da árvore, outras na casinha.

Todos na creche nos receberam muito bem, fomos acolhidas pelas professoras e a coordenadora e supervisora escolar. Algumas crianças que estavam no parque já começaram a olhar, a dar oi, a sorrirem.

Reunimos-nos na pequena sala da supervisora, onde nos apresentamos minimamente, tiramos algumas dúvidas e logo fomos então conhecer os espaços da creche. Vimos salas, parques, espaços diferenciados, espaços coletivos, refeitório e muitas crianças brincando nesses diversos espaços. Apesar da breve visita, foi muito bom poder conhecer a instituição, ver as crianças, as professoras e saber um pouco mais do NEI Lagoa.

Sáimos de lá cheias de boas expectativas e dúvidas também. As duplas foram encaminhadas e nós ficamos como dupla do espaço coletivo, no sentido de observar mais as interações, os movimentos, a corporeidade, a organização dos tempos, espaços e materiais, bem como o projeto coletivo e os próprios espaços coletivos da creche. Achamos bastante interessante a ideia para que possamos observar como se dá a interação entre os diferentes grupos, como as crianças se relacionam e se expressam.

Na chegada ao campo o olhar atento e a observação são essenciais, durante as idas ao campo vão surgindo as interações e o conhecimento e o depois pode-se considerar como o olhar que se retira do pulsar da realidade, deixando memórias para reflexão e intensificação do diálogo com as teorias. “Torna-se imperioso aguçar o ouvido e refinar o olhar para o reconhecimento das mensagens e indícios expressivos das crianças. Isso é aprendizagem” (ROCHA; OSTETTO, 2008, p.105).

Temos que confessar que a chegada à instituição, ver a crianças, o espaço, nos trouxe sentimentos de receio de talvez não “dar conta”. Olhávamos para o espaço e uma para a outra e não conseguíamos vislumbrar nenhuma forma de organização daquele lugar enquanto muitas dúvidas iam enchendo nossas mentes. Essa foi a primeira impressão, o susto, que depois passado com nosso café, bolo de cenoura e a conversa com a professora, foi nos acalmando, permitindo que pensássemos que era só o começo e que apesar do desafio será com certeza aprendido.

O que mais move e ao mesmo tempo assusta nesse desafio que assumimos a viver nessa experiência de estágio, com a professora, com a nossa formação e com as demais é que essa amplitude provoca/tenciona a pensar como a instituição pensa nas proposições no coletivo e qual é o interesse nos planejamentos coletivos? O que almejam com esses projetos? E, sendo o planejamento coletivo tão importante para a interação de toda a instituição como superar os desafios encontrados pelas profissionais que se encontram ali atualmente? Como propor algo que traga significado as vivências das crianças?

Ficamos felizes pela escolha, mas a tomamos como um desafio, afinal propor algo no coletivo não é tarefa fácil. Seguimos com um frio na barriga, algumas angústias

e muita vontade. Entre as questões que surgiram, algumas são: não vamos ter vínculo com as crianças assim como as meninas que estão em sala terão? As crianças vão nos reconhecer também como estagiárias? Os espaços são vários, vamos observar todos? Onde eu coloco as mãos? Eu sento ou interajo? Aí lembramos um pouco a fala de que “[...] não é cada um na sua sala, com seus alunos, mas todos com todas as crianças, com o coletivo da creche, nos diferentes espaços” (ROCHA; OSTETTO, 2008, p.109).

Com o tempo estamos nos acostumando mesmo que minimamente com nossos papéis de estagiárias. Tudo tão novo, que medo intrigante que o desconhecido nos causa, não é?

Falando em papéis, o papel da supervisora escolar da creche também é importante, nos apoia, e é alguém com a qual podemos falar mais acerca do PPP, do planejamento do espaço da instituição, organização da semana, pautas e momentos coletivos com jogos e brincadeiras que é o que nos interessa no momento. Ao longo das nossas idas entendemos que os projetos coletivos estão um pouco parados esse ano, mas que há bastantes projetos em cada turma em cada grupo, feitos pelas professoras em conjunto com as crianças.

Nas conversas com a supervisora temos algumas questões que podem direcionar nossos olhos e ajudar nos momentos de observação e reflexão.

Algumas dessas questões seriam: que linguagens as crianças utilizam para se expressar? Como interagem com o espaço? Como e do que brincam? E uma fala muito importante da professora Kátia que nos recordamos agora é de que a intervenção acontece desde o primeiro dia de observação, no olhar, no contato, no envolvimento e como nos apresentamos e nos aproximamos das crianças.

E quanto ao processo coletivo de onde nasceu esse foco das linguagens? A partir de que? De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2011) um dos objetivos é: “Propiciar a utilização de diferentes linguagens: verbal, gráfica, matemática, artística (estética e musical) e corporal, como instrumento de produção, expressão e comunicação de ideias”.

A supervisora nos apontou que surgiam depois do mês de abril quando as crianças já estavam mais adaptadas a instituição, e que há bastante interesse na questão do espaço e das linguagens, assim como temos na área da educação e infância na UFSC, portanto são questões importantes a fim de historicizar a questão do projeto coletivo. Reportamo-nos a primeira fala da professora Rosa Batista que diz que a docência vai além das técnicas ou métodos, a docência é social e histórica, portanto não descolada da política.

3. O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir da leitura do texto *Planejamento na educação infantil: mas que a atividade, a criança em foco* da autora Luciana Esmeralda Ostetto (OSTETTO, 2000), e também a partir das nossas aulas mais teóricas e das nossas próprias observações e registros acerca do campo, a pergunta latente do momento é: o que é realmente planejar na educação infantil?

Buscando documentos da área vimos que as Estratégias da Ação Pedagógica (EAP, 2012) nos apontam:

A proposição do encontro entre diferentes idades coloca o desafio, irrevogável, do planejamento coletivo, já que as fronteiras entre os diferentes grupos são alargadas e as profissionais assumem a responsabilidade pelas crianças como um todo, ou seja, o aprendizado do coletivo não se limita apenas as crianças, que nas relações que estabelecem “impõem” também aos adultos a tarefa de aprender com as possibilidades e melindres das relações com o Outro. (EAP, 2012, P. 09).

O planejamento pedagógico é um ato político, envolve escolhas, está recheado de intencionalidades e ações do professor, é onde aparece a marca deste professor como mediador e construtor de conhecimento dando significados e ampliando o repertório das crianças, que são sempre o centro do planejar. A autora Ostetto (OSTETTO, 2000) nos diz que:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. (OSTETTO, 2000, p. 177).

Temos que tomar cuidado com a desconexão entre a pedagogia que acreditamos e a pedagogia que está posta pelo sistema, nosso princípio é valorizar a relação pedagógica, ou seja, valorizar ações entre adultos e crianças, crianças e crianças e ainda crianças com objetos e espaço/meio.

Assim o ato de planejar não é tarefa fácil, deve prever imprevistos, ter “cartas na manga”, deve se pensar desde a entrada das crianças na instituição até o horário de saída quando as famílias as buscam, bem como, pensar a todo o momento na organização dos tempos e espaços que tecem todo o vivido no NEI.

Mas, de onde nasce esse planejamento, qual seu ponto de partida? Planejamos pensando em algo de nosso interesse ou do interesse das crianças ou ainda das teorias estudadas?

Podemos dizer que o planejamento nasce de tudo aquilo que estamos vivenciando nessas primeiras idas ao campo, nasce do convívio com as crianças, do nosso olhar, da nossa capacidade de enxergar suas múltiplas linguagens, do que querem nos dizer, das brincadeiras, das interações, ou seja, dessa nossa primeira etapa de estágio que são as observações e os registros juntamente com os nossos aportes teóricos e interesses da área da educação infantil.

Como nos disse a professora Rosa Batista no nosso primeiro encontro da disciplina de estágio, “não chegamos vazios”, já chegamos com orientações, conjunto de saberes e estudos ao campo de estágio.

É aí que encontramos o sentido do observar e do registrar, pois são dessas ferramentas que vão nascer nossas proposições, nossas escolhas, nossas reflexões cruzadas com os saberes da área. É a partir daí que vamos nos despidendo de nossos preconceitos que vamos desconstruir e construir ideias criando condições e possibilidades com as crianças afim de alargar conhecimentos, experiências, aventuras, enfim todos os repertórios.

Quanto mais tempo com as crianças, mais observações, poderemos fazer uma escolha de proposição mais assertiva. Assim quanto mais observar detalhadamente uma cena mais compreensão teremos acerca da prática pedagógica.

E o que prevê o PPP da instituição com relação ao planejar? Como pensa essa questão? O Projeto Político Pedagógico (PPP, 2011), prevê:

Para o NEI Orisvaldina Silva, o Projeto Político Pedagógico constitui-se num plano de ação que representa um pensar coletivo a respeito do trabalho dos profissionais e da proposta pedagógica desta instituição de educação infantil, no interior da qual se desenrola o processo educativo. Como tal, expressa as concepções acerca dos elementos que compõem a prática pedagógica. Na condição de atividade político-pedagógica tem como objetivo principal sistematizar o pensar da instituição, garantindo uma linha de ação que subsidie e oriente a prática cotidiana no espaço escolar. (PPP, 2011, p. 01).

Vimos que a observação deve ir para além do olhar, devemos auscultar as crianças, tentar compreendê-las em sua subjetividade, sempre fazendo links com o planejamento para não perder o sentido do que estamos observando, assim como devemos suportar o recorte como sempre nos alerta a professora Kátia, não precisamos registrar uma tarde toda, precisamos registrar situações significativas, aquilo que tem sentido, o que as crianças nos suscitam.

Dentro dos nossos registros, o que nos faz refletir? O que nos chama e o que nos toca? Há indicações de proposições? Quais? É preciso ver sentido, aprimorar nosso olhar nos registros para refletir e então propor.

Nós como dupla do espaço coletivo temos como ponto de observação as crianças e suas interações nos espaços, principalmente no espaço do parque. Sentimos que a cada dia de observação temos mais indícios das crianças para as proposições. Propor algo que envolva desenhos e diferentes texturas, propor um circuito diferente para explorar os movimentos e a consciência corporal das crianças são algumas das nossas ideias e que mais recentemente nossos registros nos vem apontando. E se chover? E como organizar a alimentação nesse dia? Podemos propor uma pintura no muro? O que pode ou não pode dentro da instituição? É ao que temos nos detido a pensar.

Como estamos no processo, procuramos sempre nos perguntar qual nossa intencionalidade? Como ampliar os repertórios infantis? Nosso planejamento é de ordem do contínuo? Conseguiremos propor algo significativo de verdade? Como propor para todos, do G2 ao G6 sem deixar nenhum grupo de fora? Pensar também o que é para a unidade a nossa contribuição?

Importante pensar no que nos diz: Ostetto (OSTETTO, 2000):

Não adianta ter um planejamento bem planejado, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma as atividades previstas como momentos didáticos, formais, burocráticos; se ele apenas age/atua mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano. Para mim, elaborar um planejamento bem planejado no espaço da educação infantil significa entrar na relação com as crianças (e não com os alunos!) mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças.

Fica claro a grande importância do papel do professor de educação infantil, suas intencionalidades, suas observações e registros suas proposições e mais como este conduz isso tudo é o que vai trazer com mais ou menos intensidade as significações das vivências para e com as crianças.

4. PARTILHANDO VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO PLANEJAMENTO COLETIVO.

Neste momento de pensar e propor junto ao projeto coletivo nos espaços da instituição, nossos olhares se voltam para muitas situações querendo enxergar todas as falas, os gestos, as linguagens corporais e gestuais, todas as experiências que vivem ali nos espaços coletivos. Porém sabemos e como nos diz a professora Kátia precisamos suportar o recorte das situações, entender que não podemos estar em todas elas, e que nas situações que estivermos devemos estar focadas e inteiras com olhos e ouvidos bem abertos para auscultar da melhor forma possível as interações e assim tentar uma aproximação com as crianças, de forma a compreendê-las mesmo que minimamente em sua individualidade e alteridade.

Com a intencionalidade de observar as crianças e suas interações nos diversos espaços, e sabendo que as crianças e demais profissionais que estão lá no NEI estão institucionalizadas, não podemos incorrer em juízos de valores, temos que seguir nosso foco principal: as crianças.

Nós enquanto dupla do espaço coletivo e pautadas no documento SME e saberes da área entendemos que:

Como já comentamos, não se trata de apenas ir lá, diante dos grupos de crianças, “aplicar” determinado conteúdo ou experimentar modos de fazer. Mas é observar, registrar, discutir, refletir sobre os fazeres e modos de ser das crianças naqueles tempos e espaços constituídos coletivamente na creche ou na pré-escola e, conseqüentemente, ensaiar alternativas de atuação, projetando e avaliando a prática pedagógica desencadeada. (ROCHA, e OSTETTO, 2008, p. 108).

Nossas proposições foram então retiradas e focadas nas nossas observações e registros, sempre tentando nos aproximar mais das crianças, e atentar o olhar ao que elas queriam nos dizer, cruzando com as orientações da área.

Entendemos que o envolvimento e a aproximação com as crianças são de extrema importância para a nossa constituição como docentes de educação infantil. Mas foi importante também se aproximar de forma cautelosa, observadora e cuidadosa, de acordo com o nosso tempo de estágio. Aos poucos se foi dando esse movimento de aproximação e envolvimento entre nós e as crianças, bem como, nós e a instituição.

Neste período tentamos então conhecer as crianças, saber seus nomes, saber do que gostam de brincar, brincamos junto com elas, nos aproximamos, nos agachamos a seus níveis para olhar em seus olhos e estabelecer comunicações e trocas mais intensas.

Assim a partir do vivido, decidimos abordar duas questões que mais apareceram durante as observações, registros e proposições, que são: interações, brincadeiras e experiências artístico culturais nos espaços coletivos, principalmente, no espaço do parque.

4.1 INTERAÇÕES

Elegemos o tópico interações por estarmos nos espaços coletivos e por observar como constantemente as crianças interagem entre si, como trocam umas com as outras, como conversam, como se constituem nas relações com os outros. Assim, as questões das interações foram por nós observadas e registradas. Buscamos através dessas ferramentas e de acordo com tempos e espaços, entender um pouco como as crianças interagem umas com as outras, com o meio e com os profissionais da instituição, como revelam seus jeitos, suas subjetividades, sua cultura.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009, pg.9) as interações são consideradas como um dos eixos norteadores, da prática pedagógica junto às crianças.

Nossa intencionalidade e propostas foram promover a interação com as crianças de todos os grupos. Assim, partimos de nossas observações e focamos no espaço do parque para constituir nesse a interação e o envolvimento nosso com as crianças, e entre elas, entendendo que as interações ocorrem entre as crianças, crianças e adultos e também crianças e espaço e tudo que nele há: brinquedos, objetos, materiais e etc.

Nesse processo nosso papel enquanto estagiarias foi o de propiciar o contato entre as crianças com seus devidos grupos e com os outros grupos, em diferentes espaços do parque. Permitindo-nos envolvermos de forma que podemos escutar os sons produzidos pelas crianças, as vozes, as gargalhadas e risos, os gritos e murmurinhos, olhares, expressões, os choros e silêncios, ampliando suas experiências e expressões em suas múltiplas linguagens. Assim como nos diz nossos aportes teóricos (SME, 2012):

No entanto, a proposição do encontro entre diferentes idades coloca o desafio, irrevogável, do planejamento coletivo, já que as fronteiras entre os diferentes grupos são alargadas e as profissionais assumem a responsabilidade pelas crianças como um todo, ou seja, o aprendizado do coletivo não se limita apenas as crianças, que nas relações que estabelecem “impõem” também aos adultos a tarefa de aprender com as possibilidades e melindres das relações com o Outro. (FPOLIS-SME- b, 2012, pg. 9).

A partir dos indicativos da área, das observações e registros nossos, percebemos que as crianças ao interagirem entre elas, com o espaço, ambiente e materiais, nos apontam algumas necessidades e vontades em relação a vivenciar e experienciar sempre diferentes situações e brincadeiras. Assim como nos traz o Projeto Político Pedagógico do NEI (PPP, 2011):

Contribuir para o pleno desenvolvimento da criança, favorecendo espaços para o permanente exercício da cidadania, através da aprendizagem da vida em grupo e das regras que sustentam as relações no espaço público, o que se entende como exigência para a conquista e efetivação do convívio democrático. (PPP, 2011, p. 08).

Seguindo em nossos propósitos de enriquecer as possibilidades de interações, propusemos brincadeiras com bolhas de sabão, tingir areia, leitura em outros espaços da creche, diferentes obstáculos para explorar os movimentos corporais, pintura no muro da creche, janta coletiva entre outros.

Pensando nas interações, sentimos que apesar de nossos esforços, não conseguimos como desejávamos, no tempo que lá estivemos fazer com que os portões³ ficassem sempre abertos, deixando o acesso livre para as crianças circularem, entre parque maior e parque dos bebês, percebemos que esta não é uma prática da instituição e entendemos também que essa questão extrapola o período do estágio.

Lembramos também a importância das interações com as famílias e responsáveis pelas crianças da instituição.⁴ Nosso contato foi mínimo, talvez pelo nosso horário de estágio, começávamos as 14:00 horas, quando as crianças já se encontravam no NEI e saíamos as 17:00 horas, horário que a grande maioria das crianças ainda ficava na instituição, sem que seus familiares tivessem vindo pegá-las. Apesar disso a coordenadora nos informou que há um vínculo e uma participação efetiva da família, através de caderno de registros de ideias, participação nas reuniões entre outros.

Reconhecemos que com a temporalidade do estágio tão curta, tal tarefa é bastante desafiadora, mas deixamos aqui salientada a temática, interessadas em reiterar sua importância e para que possamos seguir pensando sobre a mesma.

4.2 AS BRINCADEIRAS

Assim como as interações as brincadeiras constituem um dos eixos norteadores das Diretrizes Nacionais, e como vimos acima é através das interações que as crianças produzem suas culturas. De acordo com os núcleos de ação pedagógica (SME, 2012):

Partimos da compreensão que a brincadeira pressupõe aprendizagem social, ou seja, aprende-se a brincar (BROUGÈRE, 1995; 2002). O mesmo ocorre com o jogo, que é uma ação social dotada de significação e, por isso, pode ser tomado como sinônimo da brincadeira. Já o brinquedo aparece como um objeto, um suporte para a brincadeira². Geralmente a utilização de termos muito específicos ocorre quando há a intenção de fazer referência as suas diferenças e/ou particularidades, como o jogo didático e o jogo livre, termos que expressam concepções diante das quais devemos nos posicionar. (FPOLIS-SME-b, 2012, pg. 2).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2011) da instituição, as brincadeiras são muito importantes no cotidiano das crianças, no sentido de que:

Na infância, através da brincadeira, a criança conhece e investiga o mundo. Age sobre este mundo simulando papéis que vivencia em seu grupo social, reproduzindo atitudes e situações que tem como modelo em seu cotidiano. Frente a isso, cabe aos educadores, planejar atividades que permitam à criança se expressar através do jogo simbólico. Assim, é possível perceber quais as perguntas que as crianças estão se fazendo, assim como problematizar a forma como se comportam e os valores que trazem durante o exercício de diferentes papéis e funções que assumem em grupo ou individualmente. (PPP, 2011, pg. 02.).

³ Entre os parques há um portão baixo de madeira que separa os espaços e as crianças menores (GII e GIII) das maiores (GIV, GV e GVI).

⁴ Esclarecimento: o horário de entrada das crianças é até as 13h30min. Por conta da nossa organização de horário de estágio é que esse contato com as famílias ficou mais restrito.

Vimos que as crianças gostam muito de brincar com a areia do parque, fazem bolos, sorvetes, suco, iogurtes entre outros, e sempre nos dão para experimentarmos. Porém a questão de ser sempre a areia e sempre as mesmas brincadeiras nos inquietaram.

Em uma das tardes propusemos as crianças colorir um pouco da areia. A coloração da areia do parque proporcionou as crianças uma maior significação as suas comidas e cor para este elemento que tanto brincam.

Partimos da compreensão que a brincadeira pressupõe aprendizagem social, ou seja, aprende-se a brincar. (BROUGÈRE, 1995; 2002).

A mistura foi feita por nós juntamente com as crianças, usando areia, anilina nos recipiente. As crianças fizeram muitas misturas de cores, onde puderam ver a transformação de cor da areia em outras várias cores.

Os núcleos de ação pedagógica (SME, 2012) nos trazem a importância do brincar:

Temos dificuldade em valorizar as brincadeiras como uma ação social relevante na constituição das experiências e aprendizagens das crianças, por mais que elas nos dêem, o tempo todo, pistas de que a brincadeira é algo fundamental em suas vidas. Quem viveu na infância a experiência de construir pontes, estradas, carrinhos, torres, fogão, de fazer cozinhadinhos com areia, água, toquinhos e elementos diversos encontrados na natureza, deve compreender os sentidos e significados que as crianças atribuem ao brincar e aos pauzinhos de madeira, aos retalhos, às caixas, às pedrinhas, às cordas, aos galhos, aos brinquedos e tantos outros elementos inseridos por elas nas brincadeiras. (FPOLIS, SME-b, 2012, p. 5).

E nossos registros:

No começo o sol forte no parque fez com que as crianças ficassem mais tempo na sala com suas professoras. Ficamos um pouco preocupadas, estava tudo pronto e não havia crianças no parque. Por volta das 15:00 horas o sol baixou um pouco e o G4 veio brincar no parque, depois outros grupos vieram também.

João se debruça, espia pela janela e diz: “o que está acontecendo aí?” Respondemos a ele dizendo que é a nossa proposição de hoje, a brincadeira que trouxemos para brincar com eles. Ele diz “huum, depois eu quero!”. Logo chega o momento de parque deles e dos outros grupos.

Logo as crianças chegaram e se aproximaram de nós, do cantinho preparado com carinho. Isabela chega dizendo: “aqui tem areia diferente!”. Prontamente começam a sentar-se no chão e fazer suas comidas, seus bolos. Registro dia 20/11/2012.

Os núcleos de ação pedagógica (SME, 2012) nos dizem que:

É preciso garantir-lhes que *brinquem* e descubram o imensamente pequeno, como as partículas do grão de areia e o imensamente grande, como o universo; que tenham assombros e sintam a emoção estética diante da multiplicidade da natureza explorando ludicamente, ou seja, *brincando*, suas formas, cores, sabores, odores e que, por exemplo, mergulhem no desconhecido das profundezas dos oceanos. Enfim, é preciso promover

experiências nas quais as crianças possam descobrir as espantosas qualidades do mundo artístico, cultural e da natureza de modo a refinar, expandir sua sensibilidade, percepção, *imaginação* e, ao mesmo tempo, seu saber sensível e intelectualivo (FPOLIS, SME-b, 2012, p.04).

O que mais foi significativo para nós e para as crianças foi:

Percebemos que a grande e melhor sensação era a da mistura da areia com os pigmentos e cores variadas para ver como ficava. Todos queriam ao mesmo tempo: mais cor, mais água, mais amarelo, mais rosa, mais verde.

Muitos bolos foram feitos, e de vários sabores: morango, chocolate, banana entre outros. Mas as misturas chamaram bastante atenção das crianças, queriam cor e mais cor e misturar e ver no que dava.

Maya fez calda de chocolate para colocar no bolo, Manoela faz “bolo de meleca” e nos solicita para provar. Ao fazer a calda ela diz: “olha gente, é cor de sangue” e as outras crianças dizem: “é mesmo parece”, “é sangue!”. (Registro do dia: 20/11).

E as mãos após a proposição eram só cores, as crianças adoraram ter a palma da mão de outra cor! As meninas pediram para que nós tirássemos fotos de suas mãos.

A menina Maya diz ainda “Ô Mariana, sabe que o parque devia ser todo pintado, todo azul”. E nós respondemos: “você iria gostar?” “eu ia, muito” responde ela. (Registro dia 20/11//2012).

Outra proposição interessante foi com as bolhas de sabão. A proposição das bolhas teve o seu nascedouro conforme descrito em nosso registro:

Durante o momento que ficamos no parque junto às crianças, percebemos que um dos meninos do G6 apareceu no parque com um recipiente para fazer bolhas de sabão. Assim que ele começou a fazer as bolhas às crianças o rodearam, várias queriam fazer também e com os olhos brilhando acompanhavam o movimento das bolhas rindo, correndo e pulando tocavam nas bolhas para estourá-las. Algumas crianças do G3 vieram até onde estávamos e pediram para fazer mais bolhas, falamos que naquele momento não era possível, mas que iríamos pensar em uma brincadeira com bolhas de sabão, um dos meninos me perguntou: “e vai ter para todos?”. Respondemos que encontraríamos um jeito de ter mais do que hoje e que todos poderiam fazer as bolhinhas. (registro dia 7/11/12).

Assim,

Levamos diferentes utensílios, garrafa pet cortada, bacia grande e uma piscininha para fazer as bolhas grandes. Ao chegarmos ao parque com a piscininha, algumas crianças vieram correndo, muito curiosas para saber o que íamos fazer, “vai ter piscina?” “Vamos tomar banho?” uma das meninas falou desapontada, um pouco triste “mas não temos roupas”, falamos que era uma piscina, mas que não tomaríamos banho, falamos que hoje não, mas que outro dia quem sabe no chuveirão. (Registro dia: 21/11).

Outro fragmento interessante traz a curiosidade das crianças acerca da proposição:

E assim enquanto organizávamos o parque as crianças que ali estavam tentavam adivinhar o que iria acontecer... No primeiro momento, na “instalação” da piscina, muita curiosidade por parte das crianças e de algumas professoras, mas não falamos o que faríamos, fomos conversando com elas como em um jogo de adivinha, e elas muito curiosas queriam saber o que estava acontecendo: “*você vai encher de água?*” “*Ó professor o que elas vão fazer?*” e o professor respondeu: “*não sei, vamos esperar até as professoras acabarem de organizar*”. Em meio a muitas perguntas fomos nos organizando e cada vez mais crianças chegando ao parque e rodeando a piscininha querendo descobrir o que colocaríamos dentro, já que não era para tomar banho. Um dos meninos ainda nos falou, “*mas eu não sou bebê para tomar banho nessa piscininha*”. (Registro dia 21/11).

Outras professoras com seus grupos foram chegando ao parque:

Chegou ao parque também a turma do G2, acompanhada pelas professoras e pelas estagiárias Ana e Alini, as crianças foram se aproximando, e ao colocarmos a mistura na piscininha elas também estavam presentes. Então, todos que ali estavam ficaram na expectativa, não só as crianças assim como as professoras, o professor nossas colegas e nós a dupla ansiosa para saber se realmente daria certo.

Colocamos então a mistura na piscina e explicamos que era para fazer bolhas de sabão grande como se a criança ficasse dentro da bolha, elas ficaram olhando, não sei se curiosas ou com receio de entrar na bolha. As primeiras bolhas não subiam muito, pois tinha um pouco de vento, mas assim que conseguimos fazer a primeira super bolha as crianças ficaram paralisadas olhando a bolha se formar, em seguida deram gritos de euforia e gargalhadas, começando assim a disputa para ver quem entraria primeiro na piscina para ser coberto pela bolha.

Os pequenos foram primeiro, ficavam paradinhos olhando para baixo para acompanhar a bolha a subir. Uma menina não gostou e ao perguntarmos se ela queria outra bolha fez que *não* com a cabeça, um menino foi e acompanhou com seus olhos a bolha subindo, não falou, mas rio e quis de novo.

E assim fomos fazendo a bolha, as crianças ficaram maravilhadas a cada bolha que subia, seus olhos vibravam e sorriam ao mesmo tempo com as super bolhas, no centro da piscina ficavam acompanhando a subida da bolha entorno de suas pernas, alguns na fila colocavam o dedo para estourar, se empurravam, disputavam o lugar para ir primeiro, pulavam queriam mais.

O parque foi-se enchendo com as bolhas, as gargalhadas e os olhares. Os vários movimentos vibrantes das crianças ao verem as bolhas maiores estourarem e os saltos e pulos para estourá-las nos chamaram atenção. Foi muito lindo. (Registro dia 21/11).

Assim para elucidar o que foi essa intensa tarde junto às crianças, encerramos o registro daquele dia com esse lindo poema de Cecília Meireles.

BOLHAS
Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!
Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha!

**Olha a bolha na mão
que trabalha!
Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha
Olha a bolha!
Olha a bolha
que molha
a mão do menino:
A bolha da chuva da calha.**

4.3 PRODUÇÕES ARTÍSTICO CULTURAIS

As produções artísticas culturais são as formas de expressões pelas crianças através de arte.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação (SME, 2012):

As produções artístico-culturais das crianças faz parte das culturas infantis e pertence ao patrimônio cultural da humanidade. Como tal, deve ser considerada, incentivada e expandida pelas professoras, assim como por suas famílias, a comunidade e a sociedade de modo mais amplo. Pintar, desenhar, colar, esculpir, modelar, construir não depende de dons, genialidade ou talento artístico, são atividades que exigem conhecimentos da ordem sensível e inteligível. (FPOLIS, SME-d, 2012, p. 02).

Assim, propusemos no período de campo algumas ideias de produção artística cultural, das quais elegemos duas para compor o memorial: argila e pintura de muro.

Com o elemento argila, vimos de acordo com nossos registros como foi interessante para as crianças:

As crianças que primeiro chegaram até as mesas com a argila, foram do G6 convidadas pela professora Kátia, pois essas estavam sentadas esperando sua hora de irem pintar o muro (proposição essa pensada pelas estagiarias desse grupo). Chegaram correndo e foram habitando as mesas com olhares, perguntas, sorrisos e desejo de criarem com a argila. Falando felizes, “oba! argila”. Registro dia 27/11.

Com as tampinhas e o restante do bloco de argila as crianças fizeram um grande bolo que horas era de morango, horas de chocolate, sendo ao final dos dois sabores.

Para nós e entendemos que para as crianças, foi uma experiência interessante, mexer na argila gelada, cortá-la com cordão barbante, brincar com os blocos, fazer formas, bonecos, bichos, bolos entre outros, e ainda mexer com essa outra textura diferente do elemento areia tão usado nas brincadeiras das crianças.

As professoras do G4 ao verem a nossa proposta, trouxeram outros elementos para também brincar. Elementos como tampinhas de garrafas, daquelas de vidro e das pets também, lantejoulas coloridas, havia também canudos e

folhas e galhos da árvore que caíam no chão do parque. Como algumas se mostraram desejosas de levar suas criações para casa, a professora ofereceu pedaços de papel cartão para as crianças deixarem suas esculturas em cima para depois então levarem para casa. Essa professora também trouxe canetas para escrever o nome das crianças no papel, algumas crianças pediam para nós escrevermos seus nomes, outras foram escrevendo assim como mostram as fotos. (Registro dia 27/11).

De acordo com os Núcleos de ações pedagógicas (SME, 2012):

Para que as crianças produzam nas linguagens da arte é preciso que elas tenham encontros significativos com a arte local e global, que a descubram com a mediação comprometida, ética e sensível dos adultos; que compartilhem entre seus pares os meandros das linguagens da arte, suas produções e significados; que *brinquem* de forma intensa com os códigos, instrumentos e materialidades destas linguagens; que possam criar, jogar e inventar cores, linhas, volumes e imagens, espaços, pontos, histórias, sons e movimentos, pois é nas relações que as crianças estabelecem com as materialidades e com as *linguagens plásticas* (desenho, pintura, escultura, colagem, construção) que o processo expressivo se constitui! (FPOLIS SME-d, 2012, p.2).

A pintura de muro foi também uma das proposições significativas junto às crianças, pensada como forma de enriquecer ainda mais os momentos de produção artístico-cultural das crianças. De acordo com o registro diário:

Hoje, um lindo dia de primavera, é nosso último dia de proposições com as crianças do Nei – Lagoa. Um dia iluminado com muito sol. O intenso calor está muito convidativo para uma chuveirada e neste ensolarado dia, proporemos para as crianças uma pintura coletiva no muro do parque, no espaço da praia. Fronckowiak e Richter, nos trazem que: O princípio de toda atividade cultural coletiva é o fazer junto, é compartilhar, através das diferentes linguagens, sensações, sentidos, significados, experiências que tocam a existência da cada um no grupo social. A comunhão de sentidos que ocorre através do encontro dos corpos só acontece no ato de participar. (1990, p. 92) Registro dia 28/11.

Assim,

Chega então o momento que as crianças possam se lambuzar com a tinta, e pintar o muro. As crianças pegam os pincéis e os mergulham nas bandejas com as tintas e começam então a pintar. “vou fazer uma pintura colorida”, fala uma menina, e assim faz várias vezes o movimento de pegar diferentes tintas que mistura em um canto do muro. Outra menina fala “vou fazer um sol”. Aproximo-me de uma menina do G3 e pergunto você gosta de pintar? Ela responde com um largo sorriso “eu gosto muito” e continua a pintar. Mais tarde ao voltarmos para o parque para nos encantarmos ainda mais com a pintura, encontramos o artista dando os últimos retoques, encontramos também algumas crianças, entre elas uma menina do G3, que vem ao meu encontro e pede colo, sento então com ela sobre um pneu, e falo “nossa como nossa pintura ficou linda não?” e ela me responde, “sim, tem até um arco Iris com um mar por cima”. Registro dia: 28/11

Foi bastante significativo a vivência da pintura do muro, as crianças ficaram eufóricas com as cores diversas. Algumas se concentraram na mistura de cores, mergulhavam seus pincéis e o levavam até o muro, vendo curiosamente que cor saía.

Outras crianças fizeram desenhos bastante detalhados, como flores, aranhas, borboletas entre outros. O muro que antes era apenas de uma cor, hoje expressa uma forma de linguagem das crianças da instituição. Assim como nos trazem os Núcleos de ação pedagógica (SME, 2012):

Estas experiências nas linguagens plásticas devem ser associadas a outras tantas com a cultura e a natureza de modo mais amplo, pois estas igualmente lhes oferecem um leque ampliado de conteúdos para as suas expressões. Ou seja, é preciso que as crianças tenham garantidas na sua trajetória na educação infantil experiências sensíveis, encontros com a beleza dentro e fora da esfera das artes, e não apenas encontros esporádicos ou realizados sem planejamento. (FPOLIS, SME-d, 2012, p.3).

Colorir o muro que antes era branco deixa uma marca nossa como estagiárias e também marcas das crianças que ali se expressaram através de seus desenhos, misturas de cores e traços tão subjetivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossas vivências junto às crianças, buscamos focar no espaço do parque, as brincadeiras, as interações e a produção artístico-culturais das crianças. Partindo dos nossos aportes teóricos da área da educação infantil, bem como nossos registros, pensamos em diversificar e enriquecer ainda mais o cotidiano das crianças trazendo novos elementos que deem significação e ampliação das experiências das mesmas.

Pelo o que vivemos no espaço do NEI vimos que realmente precisamos nos esforçar para suportar o recorte, nas proposições não conseguíamos chamar a atenção de todos, nem todos se interessavam. Deixamos as crianças bastante à vontade com relação a isso, no sentido de que podiam escolher se queriam participar, brincar, apenas observar ou ainda brincar de outra coisa que elessem mais importante naquele momento.

Ser professora de educação infantil não é tarefa fácil. Estamos no momento certo de nos ensaiar naquela que será nossa profissão, o estágio supervisionado serve para isso, aprendermos como é estar lá na prática. Nessas primeiras impressões percebemos que há muito pela frente, o desafio de dupla do projeto coletivo é grande, mas como diz a professora Kátia devemos seguir numa calma apressada.

Para nós foi uma experiência rica nos aproximarmos das crianças, entender um pouco seus universos, seus modos de ser e estar nos espaços coletivos.

Entendemos também como as aulas mais teóricas foram importantes no sentido de nos dar suporte e nos fazer entender que a observação e o registro são ferramentas fundamentais para a docência, sendo parte chave do planejamento.

Conforme as autoras Eloisa Rocha e Luciana Ostetto nos revelam:

Um projeto de formação ganha abrangência quando consegue estabelecer uma nova relação entre método e conteúdo e entre teoria e prática. Da mesma

forma que para o sujeito/criança, o ponto de partida para a formação do educador deverá ser ele mesmo, o “sujeito em formação”, de modo a considerar igualmente seu contexto social e as condições concretas para a construção e efetivação dos projetos educativos (OSTETTO, ROCHA, 2008, pg. 115).

Víamos, anotávamos em nossos cadernos, falas, ações e brincadeiras das crianças e a partir disso sentávamos, conversávamos como dupla e pensávamos o que de fato os registros nos apontavam para então construir o planejamento e as possíveis proposições.

Quanto a essa nossa experiência como docentes, mesmo que mínima devido ao aligeiramento do nosso estágio amparamo-nos na observação, no registro, e no planejamento para pensar acerca das proposições que fossem mais significativas para as crianças.

E dessa docência compartilhada a experiência que em nos tocou foi o envolvimento, o encontro, as vozes, os choros, as alegrias, as gargalhadas, os conflitos enfim, todo o não silêncio das crianças no coletivo da instituição, e, ainda os saberes, os sabores, e os dissabores que nós revelamos nesse curto espaço de tempo em que nos experienciamos em sermos professoras de crianças da educação infantil.

E, é nesse movimento que vamos nos constituindo como professoras de crianças pequenas. Sabemos que não é tarefa fácil, pois encontramos inúmeros desafios que nos deixaram por vezes “engessadas” em possibilitar o diferente para as crianças. Mas, acreditamos que através da escuta das crianças permitiremo-nos colocar em prática o que os estudos da área de educação infantil nos apontam e que julgamos como mais significativo para as crianças e termos de fato a indissociabilidade do cuidar e educar na instituição de educação infantil.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil** -(Resolução Nº 5, DE 17 DE Dezembro de 2009).

CAPUTO, Stela Guedes. **Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto**. Teias: Rio de Janeiro, ano 2, nº 4, jul/dez 2001.

CRUZ, Tânia Mara. **Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as trocinhas do Bom Retiro**. UNISUL – Programa de Pós-graduação em educação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 63-78, 2012.

FPOLIS - SME. **Estratégias da Ação Pedagógica**. 2012 a. (No prelo).

FPOLIS - SME. **NAP - Brincadeiras**. 2012 b. (No prelo).

FPOLIS - SME. **NAP - Relações com a natureza**. 2012 c. (No prelo).

FPOLIS - SME. **NAP - Relações culturais e sociais**. 2012 d. (No prelo).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê**. Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras/ Marisa Vorraber Costa e Maria Isabel Edelweiss Bujes (org). – Rio de Janeiro; DP&A, 2005.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil**. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais: Belo Horizonte, novembro de 2010.

LARROSA, Jorge Bondía. **O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro**. Belo Horizonte, 2000.

NEI. Orisvaldina Silva. Projeto Político Pedagógico do Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva– Lagoa, 2011.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta; LIMA, Patrícia de Moraes. **Reflexões e indicações para a construção do memorial de estágio supervisionado em educação infantil**. Florianópolis, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Observação, registro, documentação: Nomear e significar as experiências**. Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores/ Luciana Esmeralda Ostetto (org). – Campinas, SP: Papyrus, 2008.

ROCHA, Eloísa Acires Candal, OSTETTO, Luciana Esmeralda. **O estágio na formação universitária de professores de educação infantil**. Florianópolis, 2008, p.105, 107, 109 e 115.

RIVEIRO, Andréa Simões. **A brincadeira das crianças na formação de professoras de educação infantil.** PPGE/ UFSC.

SAYÃO, Débora Tomé. Tese de Doutorado: **Relações de gênero e um trabalho docente na educação infantil:** um estudo de professores em creche. Florianópolis, 2005.